

O QUE CULTIVAR NO INVERNO NA REGIÃO SUL?

Roque G. Annes Tomasini

Dezembro de 1979

CNPT-EMBRAPA

O trigo que foi a principal cultura do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, com o aumento da área plantada com soja, perdeu esta condição.

Passado o período inicial da expansão da soja e com os insucessos das safras 1977/78 e 1978/79, o pequeno e o médio agricultor estão sentindo a necessidade de aumentar a área com culturas de inverno a fim de aumentar a sua renda anual.

Por tradição a primeira cultura a ser lembrada é o trigo, apesar das recentes frustrações de safras.

Contudo, o trigo, assim como a cevada e o centeio, devido a problemas de doenças radiculares, não podem ser cultivados anualmente na mesma área. Pesquisas recentes desenvolvidas no CNPT/EMBRAPA, concluíram que é necessário um período de 3 anos de pousio ou rotação com outras culturas na área que tenha sido cultivada com trigo, cevada ou centeio, antes que seja novamente utilizada para estes cereais.

Se este esquema deve ser seguido, somente plantar estes cereais na mesma área de 4 em 4 anos, surge a pergunta: o que fazer no inverno nos 75 % de área restante?

As outras culturas de inverno atualmente comercializadas, como a aveia e o linho, têm pequeno mercado interno e devido a problemas de custo de produção não é impossível exportá-las.

A colza, oleaginosa em fase de início de comercialização, deverá expandir rapidamente a área plantada, que em 1979 foi de aproximadamente 1000 hectares. Todavia, ainda há o grave problema de perdas na colheita, que está sendo o fator limitante para o aumento da área.

A colza, por também não poder ser plantada na mesma área por 2 a 3 anos, não ocupará toda a terra atualmente disponível no inverno, devendo ocupar no máximo 1.000.000 de hectares. Embora não existam dados locais conclusivos, é provável que a exemplo de outros países, se não for seguido um esquema de rotação de área, comecem a ocorrer problemas de doenças.

O tremoço, leguminosa atualmente utilizada na região Sul somente para fins de adubação verde, poderá em 2 a 3 anos se constituir em importante fonte de óleo e proteínas. Devido ao problema de fungos no solo, também necessita de um esquema de rotação de área.

Entre as demais culturas de inverno, o alho ocupará pequena área, mesmo que seja substituído todo o produto importado. O alpiste poderá ser produzido em aproximadamente 60.000 hectares, uma vez que é praticamente todo importado.

A integração lavoura-pecuária, através da reintrodução da pecuária nas atuais áreas de lavoura, apesar de altamente desejável, somente será viável em grande escala, dentro de uns 5 anos aproximadamente, devido a uma série de problemas de infra-estrutura (cerca, equipamentos), mão-de-obra e disponibilidade de matrizes ou novilhos para engorde.

As culturas de inverno na região Sul se destinam fundamentalmente a alimentação humana e animal.

Devido a crescente crise de energia é importante que a região Sul também contribua para a produção de culturas que possam ser destinadas à produção de álcool.

A fim de não prejudicar a produção de alimentos é fundamental que estas culturas possam ocupar as atuais áreas ociosas, uma vez que a fronteira agrícola está praticamente esgotada.

No momento somente a beterraba açucareira preenche estas condições, por ser cultura de ciclo curto e que poderá ser cultivada como atividade intercalar com a soja, visando sua transformação em álcool.

Embora ainda não hajam dados de pesquisa seguros sobre a beterraba açucareira, experimento preliminar, o primeiro plantado no Brasil, conduzido pelo CNPT e Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo, possibilita concluir que há boas perspectivas para o sucesso desta cultura.

Não obstante ter sido plantada fora da época recomendada, as melhores cultivares produziram cerca de 28 toneladas por hectare, cerca da metade da média das melhores produções na Europa.

A beterraba açucareira, assim como algumas variedades forrageiras, são importantes em esquemas de rotação de área com trigo.

Caso esta nova cultura for economicamente viável, é necessário que as áreas de produção sejam localizadas próximo de unidades de produção de álcool de cana-de-açúcar, mandioca, ou de outras culturas de verão, como o sorgo sacarina. Desta forma, a beterraba açucareira ou forrageira, devido ao seu período de colheita, ocupará o período ocioso destas usinas, aumentando a sua rentabilidade.

Sem dúvida, não se pode afirmar que, além do trigo, restam poucas atividades a serem desenvolvidas no inverno no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e sul do Paraná.

O problema consiste em deixarmos de ser meros exploradores do solo, e em começarmos a praticar uma agricultura mais evoluída, que além de visar a produção de alimentos também vise o equilíbrio biológico do solo. Para tanto a rotação de culturas e/ou a reintrodução da pecuária parece ser o caminho mais indicado.